



UM BREVE ESTUDO DE *VINDIMA*, DE MIGUEL TORGA¹

Cinthia Elizabet Otto Rolla Marques²

RESUMO: No romance *Vindima*, Miguel Torga homenageia os Durienses ou o “homo duriensis” (BORGES, 2006) e o Douro, uma região de Portugal onde se integra um dos centros vitivinícolas mais relevantes e característicos do mundo. Narra o trabalho de um grupo de vindimadores provenientes de Penaguião que segue para a quinta da Cavadinha na esperança de melhores condições de subsistência. Os trabalhadores colhem, transportam e sovam os cachos de uvas sob cláusulas de trabalho degradantes. Além dos explorados, há o retrato dos exploradores, duas famílias rivais que se distinguem moralmente pela procedência da situação financeira e pelas situações trágicas ou bem providas que ocorrem em cada linhagem. A obra revela o processo de transformação do fruto da videira em vinho, bebida apreciada, capaz de evocar sensações, emoções, penetrar em um novo mundo e que inspirou homens em épocas distintas. Apresentamos uma breve abordagem sobre o vinho em Portugal e sobre a região revelada pelo autor, o contexto da palavra/título do primeiro romance escrito por Miguel Torga e alguns conceitos e contextos que nos apontem para uma reflexão literária. Pretende-se divulgar e valorizar a obra do literato transmontano, a Literatura Portuguesa, a região duriense e a tradição da vindima.

PALAVRAS-CHAVE: Miguel Torga, Douro, vindima, vinho.

ABSTRACT: At the novel *Vindima*, Miguel Torga pay tribute to the Durienses, or “homo duriensis” (BORGES, 2006) and the Douro itself, a region in Portugal where is placed one of the most relevant and typical viniculture and viticulture centers worldwide. The narrative is about a group of grape pickers coming from Penaguião and heading to Cavadinha’s farm with hope of finding proper conditions of living. The workers reap, transport and stomp the grape clusters under degrading working conditions. Besides the exploited ones a frame of the exploiters is also made, the two rival families are morally distinguished by their financial status and their wealth or tragic situations which occur in each bloodline. The literary work does also unravel the transformation process of the vine fruits in wine, a very cherished drink, capable of evoking sensations, emotions, that pierce into a new world and has inspired men throughout different ages. It is shown here a brief approach to the wine in Portugal and upon the region revealed by the author, the context of Miguel Torga’s first novel and some notes to a literary reflection. It is intended to share and enrich the work of the transmontano literate, the Portuguese Literature, the Douro region and the grape harvesting tradition.

KEYWORDS: Miguel Torga, Douro, vineyard, wine

INTRODUÇÃO

Quando se fala em Portugal, remetemo-nos, naturalmente, às grandes navegações marítimas que marcaram a história do país³. Em contraposição ao mar existe a terra e, assim como os desbravadores marinhos que fizeram a História de Portugal, na região mais arcaica do país existiram homens simples que também colaboraram com a história da sua nação ao construir socacos, transportar pesos, caminhar em um chão ora escaldante ora gelado. Dessa força, desses músculos também surgiram as festas que, durante a vindima ou no lagar, confortava os trabalhadores.

O Norte de Portugal é lacerado pelo rio Douro⁴ e das suas encostas surgem profundos vales e montanhas imponentes, ricos por *sui generis* de uma natureza que nos revela lições de beleza e de equilíbrio. A sabedoria natural despertou no homem, também parte integrante da natureza, o desejo de manipular essa paisagem ao construir patamares implementados de vinhedos, que acabou por resultar em um cenário esplendoroso e em uma economia sustentável que valorizou a sua terra.

A região duriense⁵ (225 400 hectares) é protegida pela Unesco e, em 2001, o Alto Douro Vinhateiro foi consagrado como Patrimônio da Humanidade, considerado “testemunho da tradição cultural, que ilustra a relação íntima do Homem com a Natureza, por um período significativo da História da Humanidade durante mais de dois mil anos de produção vínica” (SALVADOR, 2012, p. 16).

É neste cenário que o escritor Miguel Torga⁶ foi inserido desde o seu nascimento e com essas marcas que se mantém vivo, pela capacidade de nos transmitir o segredo do Douro: a realidade em forma de arte poética.

A palavra “vindima” representa a colheita da uva. É ciclo final para um povo que espera o suor de seu trabalho transformar-se em fino vinho. No Douro, a vindima é realizada geralmente no mês de setembro. No mês de agosto de todos os anos, de acordo com a meteorologia e o tipo de vinho que se pretende produzir, por análise em laboratório ou no meio tradicional (espremendo as uvas por entre as mãos), define-se a data das vindimas. Visconde de Villar Maior descreve a vindima no século XIX:

Feita por mulheres, que cortam as uvas, escolhem e separam os bagos secos, podres, ou por qualquer modo deteriorados, que se devem rejeitar. [...] Alguns rapazes despejam, em grandes cestos de vime, as cestas que as mulheres vão enchendo. Os homens levam às costas estes grandes cestos, ou directamente para o lagar, se é próximo e não há outro meio de condução, ou para os caminhos de serviço onde se colocam sobre os carros (VILLAR MAIOR apud SALVADOR, 2012, p. 80).

Miguel Torga, sobre as mudanças da vindima para a sua época, assevera que

em muitos aspectos, é sensivelmente diferente [...]. Desapareceram os padrões tirânicos, as cardenhas degradantes, os salários de fome. As rogas descem da Montanha de camioneta, a alimentação melhorou, o trabalho é menos duro. Também o rio já não tem cachões, afogados em albufeiras calmaria (TORGA, 2011, p. 9).

Parte do trabalho ainda mantém-se vivo no universo vitícola mais selvagem do mundo mas alguns pormenores do processo foram trespassados. Os burros e as mulas deixaram o ofício do transporte, sendo substituídos pelas rodas e “ainda hoje se pode ficar com uma ideia dos esforços pioneiros dos primeiros produtores negociantes do Douro” (DOMINÉ, 2010, p. 660). Outra dessas grandes inovações é para as mulheres que antes utilizavam navalhas para o corte, agora usam tesoura de poda; Já,

os cestos de vime foram substituídos por caixas de plástico de 20 quilos, que os homens carregam para os caminhos de serventia, onde são colocados no atrelado de um tractor ou na caixa de uma pequena camioneta que os transporta até à adega equipada com cubas inox ou para a ‘oficina vinária’ com lagares de granito, tal como no passado (SALVADOR, 2012, p.81).

A viticultura no Douro conserva ainda traços do trabalho manual⁷, como o trato da colheita. A pisa ou sova a pé das uvas foi suprimido pelas tecnologias, tornado o procedimento menos desgastante e mais higiênico. Antes a lagarada era realizada a ritmo militar: “direita, esquerda, direita, esquerda, palavras de ordem ritmadas e firmes ditadas pelo capataz” (SALVADOR, 2012, p. 81).

O processo antigo durava 18 horas e, depois de um intervalo, era repetido para que o mosto fermentasse e pudesse ser adicionada a aguardente na fabricação do vinho do Porto⁸. Nos finais dos anos de 1890, o processo foi mecanizado. Atualmente há programas que controlam a temperatura das fermentações e o mosto é transferido para cubas em inox.

A vindima na modernidade não se opõe a tradição: “os velhos métodos vinícolas são mais populares que nunca” (DOMINÉ, 2010, p. 648). Talvez seja esse o fato para que certas condutas ainda sejam mantidas, tornando a tradição a grande tendência da viticultura portuguesa.

O DOURO ROMANCEADO

A cultura duriense, em particular a vindima, influenciou a produção literária de Torga, transmitindo-nos uma realidade ancestral vinculada a um dicionário específico da região do Douro e ligado à atividade vitícola. A escrita é como um veículo perpetuador da tradição perdida. Temas de amor, natureza, pobreza, trabalho, classes sociais e religião são abordados, porém é no vinho que a vida se espelha (SANTANA; ALMEIDA e FONSECA, 2005).

É, portanto, sob o argumento da vindima que as ações desenrolam-se no primeiro romance escrito por Miguel Torga que foi publicado em 1945. A 9ª edição conta com um espólio de 337 páginas divididas em 57 capítulos que se hasteiam em uma homenagem às gentes, à paisagem do Douro e, simultaneamente, que representa a realidade degradante sofrida por homens e mulheres, com a “urgência e capacidade de denúncia que a mesma deve ser adotada” (PONCE DE LEÃO, 2007, p. 46).

Cada capítulo de *Vindima* concerne um núcleo de situações que se coadunam e que as ações são interdependentes. Em terceira pessoa, o narrador heterodiegético não usufrui de um papel na obra, além de apresentar os acontecimentos. O narrador é onisciente e sua visão dos fatos é maior do que a das personagens. Ele vislumbra as conjunturas, devassando a própria intimidade das mesmas (SCHNEIDER apud FIORAVANTI, 2008, p. 89).

A ficção neorrealista de Torga alveja a transformação da sociedade por meio da denúncia de um povo oprimido que aluga o seu suor como alternativa de sobrevivência. Sendo assim, as personagens apresentam-se reais, como se fossem de carne e osso, íntegras de sentimentos, emoções, sensações e convicções, apresentadas com um valor simbolizado nas características enérgicas e afiadas, que atuam de acordo com os seus instintos e as suas necessidades. Essas figuras tornam a obra mais completa no sentido de representação em um ambiente físico e de revelação espacial interna, por meio do perfil social e da densidade psicológica que lhe são atribuídas.

A corrente literária neorrealista empenha-se em pôr à vista uma sociedade fragmentada pela guerra, principalmente no que diz respeito ao conflito social. Em Portugal, o Estado Novo condicionou o surgimento do Neorrealismo como meio combativo ao governo totalitário promovido pelo fascismo salazarista. Além do período político, com o risco da criminalização pela censura, da repressão e da angústia social, a opressão torna-se mais complexa devido a localização geográfica marginalizada do Douro.

Em *Vindima*, essa conflagração politiza o texto literário e é o sustentáculo para a construção das personagens: “Ainda que se origine no imaginário do autor, a

personagem da narrativa neorrealista atua como um agente questionador do *status quo*, [...] reivindicando para si o direito de ser sujeito de sua história e não mais um espoliado social” (FREITAS, 2012, p. 247).

As personagens são “signos mutantes dentro de um sistema de signos [...]. São seres linguísticos, constituídos pelas palavras e ideias de seu autor” (FREITAS, 2012, p. 247), que assinalam a trama circunscrita pelas relações sociais, tornando público a bancarrota dos valores e tradições culturais nacionais. Dessa forma, o enredo, que condiz com a realidade, concede ao discurso literário o hibridismo com o histórico.

Introduzimos o estratagema do romance por meio da imagem do feitor Seara, empregado da quinta da Cavadinha, que trata de assuntos como a admissão dos vindimadores, consoante a um “contratador de animais de carga” (TORGA, 2011, p. 9).

Quarenta pessoas ao todo, homens, mulheres e crianças constituíam a roga que faz a caminhada de Penaguão até a propriedade do Lopes. Enquanto a família do patrão se deslocava na primeira classe do trem do Porto até a quinta, numa poltrona de veludo confortável, o comboio é invadido por “uma avalanche de gente, malas, cestos, sacos e embrulhos” (TORGA, 2011, p. 29), devido à época da vindima. O senhor Lopes, enfurecido, julga as pessoas como “gente miserável, suja, magra, numa ânsia dolorosa de viver e vencer” (TORGA, 2011, p. 30). Consideramos o espaço narrativo, conforme Oliveira (2008), como um meio não apenas geográfico, mas também social, onde o comportamento contribui para que se detectem os valores, os costumes e os interesses representados, tanto para uma classe mais ou menos favorecida.

Como em um *flashback*, o feitor lembra-se de quando foi convidado pela família para a promoção da função na fazenda. O cálice de vinho fino aparece como elemento de celebração de contrato, qual “evolava-se dele o perfume de uma consideração social que entontecia” (TORGA, 2011, p. 26).

Os trabalhadores contratados chegam a Quinta da Cavadinha onde permaneceriam enquanto tivessem o trabalho do esforço físico que o vinho exigia para *vir a ser*. São apresentados à cardenha, local

onde dormiam os vindimadores. Longe do terreiro, sobrada de palha e dividida em dois por uma meia parede que teias de aranha prolongavam até o telhado, de um lado amontoavam-se as mulheres, do outro ressonavam os homens e as crianças, quando, depois de um dia de corte, de cestos e de lagar, caíam como tordos no chão (TORGA, 2011, p. 19).

A cardenha, durante o período de trabalho na vindima, ocupa o lugar de “quarto”, dividido pelo coletivo, marcando esse território como a única referência de

“casa”, pois quando não estão no meio das vinhas e no lagar, é na cardenha que se procura abrigo e aposento, gerando a intimidade com o ambiente e a demarcação de um local onde somente um perfil exato de pessoa é que pode habitá-lo, como se na entrada existisse uma “advertência platônica” (BACHELARD, 1978, p. 173) que alertava quem poderia e não poderia entrar.

Na esteia de pensamento de Bachelard, o filósofo afirma que “o pitoresco excessivo de uma moradia pode esconder sua intimidade” (1978, p. 205). Confirmamos pelo convívio que a intimidade não limita-se apenas na relação com o espaço, mas com os próprios trabalhadores, que florescia em meio a risadas, cochichos, respirações fundas e quentes e onde as necessidades básicas podiam ser ouvidas:

Vinte homens encostados uns aos outros, *seminus*, numa transpiração de Setembro, separados de outras tantas mulheres por um muro de pedra que não vedava as palavras, o cheiro, nem o aceno voluptuoso que alguns faziam à virilidade exaltada de alguns (TORGA, 2011, p. 21).

Na perspectiva da exploração social e do neorealismo, julgam-se as várias formas de submissão, até mesmo na apresentação dos empregados ao patrão e ao ato de um deles de lhe limpar as botas. O suor e o esforço alugados faziam a alusão a uma espécie de feudalismo disperso, refletindo sobre uma sociedade retrógrada, com verdadeiros choques de desigualdade social sentidos pelas formas indignas sofridas pelos trabalhadores e formas hipócritas, ambiciosas e desmedidas praticadas pelo patrão. O trabalho, no começo, até dava “gosto e alegria”, mas depois “tortura desesperante” (TORGA, 2011, p. 219).

A terra de origem do autor é exaltada por meio dos vindimadores, pela simplicidade que carregam e a inocência e necessidade que os levam a serem humilhados. O trabalho da vindima é bem detalhado e carregado de particularidades. É possível visualizar:

As mulheres cortavam, as crianças despejavam as cestas cheias, os homens erguiam sobre as trouxas os vindimeiros [...]. Suava tudo. E quem não tinha as molas dos rins bem oleadas, ou se via pela primeira vez ajoujado com quatro arrobas às costas, vivia a eternidade num segundo, crucificante, dura e sem esperança. Mas o feitor gritava. E as raparigas dobravam-se de novo sobre os bardos, e os rapazes desenhavam as pernas como podiam (TORGA, 2011, p. 23).

A labuta é pesada, exige muito do corpo e da força física, com movimentos repetitivos de abaixar, levantar, transportar pesos e caminhar pelos socalcos: “[...] e a fila indiana continuou a descer degraus, a galgar paredes, a saltar valados, hipnotizada

pela melodia que ia à frente, a guiar o esforço até ao lagar” (TORGA, 2011, p. 23-24). Além da exigência laboral, “a colheita do vinho tem certas regras. Para que um tipo saia perfeito em sabor, corpo e aroma, é preciso combinar castas, atender ao grau de maturação de cada uma, e apanhar as uvas na mesma altura” (TORGA, 2011, p. 70). Como o tempo já estava contornando para a chuva, o feitor pressiona a roga a agir com mais pressa, caso contrário poderia comprometer a qualidade do vinho do patrão: “A gente não é de ferro! Ou pensa que andamos todo ano de costas erguidas como você?” (TORGA, 2011, p. 70), responde um dos trabalhadores.

O patrão promove uma festa para a roga, mas com a intenção de atrativo para os seus nobres convidados que contavam ainda com uma boa mesa, com a melhor e mais completa pastelaria. “No terreiro, o baile começara já” (TORGA, 2011, p. 124), e os pares relutavam a dançar, pois se sentiam cansados e explorados ao mesmo tempo pelos olhos da plateia. O feitor se desespera por não ter autoridade perante a vontade dos homens.

Seara vive o conflito “entre a voz do sangue e a letra do contrato que fizera há trinta anos com o senhor Lopes” (TORGA, 2011, p. 26), sem equilíbrio perfeito em ser dono ou trabalhador. É humilhado pelo patrão pela não eficiência em permitir com que o casal pertencente a roga, Gustavo e Glória, aja com despeito e deleite, denegrindo moralmente a imagem da Cavadinha. Impetuoso, o feitor faz a vigia. Depois de um flagrante que o deixa atordoado e o faz refletir sobre a situação da roga e em trair o seu povo, pede a demissão. O Lopes era “pai de uma filha mais indigna e mais porca do que as mulheres da cardenha, que ele, feitor, vigiara toda a noite em defesa da honra e do bom nome dos patrões da quinta” (TORGA, 2011, p. 232).

Depois de um temporal que devasta as vinhas, a vindima termina

e foi numa sensação de alívio que as mulheres fecharam os canivetes ou espetaram a lâmina das facas na verga das cestas, e os homens tiraram as trouxas da cabeça puseram ao sol os cabelos revoltos, de bois sem molhelha. Pronto! Acabara-se o pesadelo. Teria realmente acabado? (TORGA, 2011, p. 301-302).

A tia Angélica fica doente, gemia, sofria e desfigurava pelo ardor da febre, suplicava para voltar a sua terra, não queria morrer na Cavadinha: “nem a terra me come” (TORGA, 2011, p. 320). Para os companheiros da lida o fato era a maior das tragédias no meio de tantas desgraças. O pagamento foi feito na base de protestos e ameaça, pois o Lopes alegava o prejuízo para diminuir o valor diário do trabalho que tinha sido combinado. Na verdade, ele queria reduzir por uma questão de capricho e a maioria não hesita, tinham um “sentimento profundo de quem vendiam vida em

cada hora” (TORGA, 2011, p. 332).

O primeiro a receber estende a mão: “O que o senhor é, é um baita de um ladrão. Isto é como quem bebe o sangue de um bom homem” (TORGA, 2011, p. 332). Gustavo não aceita e alega não estarem mais na época da escravatura. “Tu sabes com quem estás a falar?” (TORGA, 2011, p. 333), diz Lopes, sozinho. Nada honrado, Gustavo, que pertencia ao “mundo e sua dureza” (TORGA, 2011, p. 333), junto com os seus compartes que escoltaram o cortejo do caixão com o filho do patrão, com dor e piedade ao luto, partem em direção a ele:

O Doiro tem essa estranha mão transfiguradora. Passada a primeira semana, em que as caras se conservam humanas e domingueiras, a barba cresce, a roupa esfarrapa-se, encarde-se de surro e de mosto, e todos adquirem um ar feroz, de animais (TORGA, 2011, p. 334).

Lopes resolve cumprir com o combinado, caso o contrário a vindima acabaria com mais sangue derramado, e a roga, triste, regressa à Penaguão.

Aludindo à Almeida (2012) quanto ao neorealismo, a intensidade dos temas e a crueza e desagradável consciência da realidade, principalmente ao que toca ao meio rural, poderia ser levada ao soslaio do horrível e não à tendência do bucolismo e do paradisíaco. Os autores da Revista Presença, qual se sabe que Torga participou, entraram em conflito, tornando a discussão entre o ético e o estético a maior dessa corrente. A temática da vindima e dos trabalhadores (a exploração e a miséria indigna, representando assim a classe menos favorecida e submissa ao senhoril) revela “uma beleza diferente, resultante do caráter quase épico que emerge da desgraça, onde o horror produzia o sublime” (ALMEIDA, 2012, p. 392).

Contrapondo as personagens despreziosas, há o núcleo dos abastados. No início é aparentemente escamoteada a rivalidade entre duas famílias de burgueses latifundiários, a dos Lopes e a dos Menezes. Os Lopes tinham a propriedade da quinta da Cavadinha, considerada “o mimo das quintas” (TORGA, 2011, p. 19). O grande desejo do senhor Lopes era de fazer parte da Sociedade Vinícola, cuja “Empresa possuía várias propriedades” (TORGA, 2011, p. 40), pertencente à família do Menezes, da herdade da Junceda, que no momento passava por uma crise.

As duas famílias “eram afáveis” (TORGA, 2011, p. 63), mas distantes em vários aspectos, como a origem de cada fortuna: A dos Menezes, herdada pela família de “tradição antiga e nunca interrompida” (TORGA, 2011, p. 39), e a dos Lopes, “sabe Deus de que maneira...” (TORGA, 2011, p. 64). Tinham a fama de oportunista. Ainda distinguia-se no meio de coexistência a relação entre os familiares e até mesmo

o caráter moral dos senhores.

Distantes e com temperamentos distintos, os da Cavadinha levavam o relacionamento de pai para filho e de mãe para filha como rivalidade e desgosto. Só os laços biológicos é que ligavam a família. O patriarca, interesseiro e safardana, era casado com Dona Maria Jorge, sempre “vestida de preto, magra, hirta [...] representava no mundo a condenação severa e permanente do marido” (TORGA, 2011, p. 66). Gertrudes, uma das empregadas, descreve-os como “uma corja de ordinários. Ele, um burguesso sem alma; a D. Maria Jorge uma beata falsa; e Guiomar a presumida das presumidas. Salvava deste inventário severo a nobreza e a bondade de Alberto” (TORGA, 2011, p. 288-289).

Os Lopes apresentam-se como uma família cheia de fracassos, brigas, conflitos e frustrações, lobrigrando a doença e o suicídio do filho com a mesma indiferença perante aos valores ligados ao contexto social que se inserem e ao malogro na intimidade.

O pressentimento feminino é algo constante no romance. Torga exprime esse papel não apenas na selvagem Guiomar, filha do Lopes, e na apaixonada vindimadora Glória, que atuam regidas pelo amor, pela paixão e pelo desejo carnal. A imagem feminina estereotipada pelos moldes patriarcais é abalroada na mãe, D. Maria Jorge, que não optou pelo casamento movido pelo amor e sim pelo conforto, portando-se como submissa ao marido, já que “reprovava a companhia do homem que escolhera friamente, ao ver-se ameaçada de ficar solteira toda a vida” (TORGA, 2011, p. 66). O instinto de mãe também não era tão aguçado, como é evidente na passagem do desaparecimento do filho. Mostra-se excitada quando se coloca no lugar da filha, ao desconfiar do relacionamento com o médico, sentindo-se com vinte anos de idade: “na sua natureza ressequida permanecia vivo o lastro romântico de todas as mulheres” (TORGA, 2011, p. 115), demonstrando até mesmo ciúmes. Assim as mazelas da família Lopes e os percalços da desgraça deflagram o seu insucesso enquanto mãe, mulher e esposa.

A família dos Menezes recebe visitas durante a época da vindima e hospedam Dr. Bruno, especialista em olhos, que veio de Lisboa com o pretexto de desfrutar a região, porém não apresentou nenhum estremecimento ao contemplar o Douro, pois “não amava verdadeiramente nada no mundo, salvo a sua pessoa, e muito menos as obras da natureza” (TORGA, 2011, p. 60). Já na casa dos quarenta anos de idade, mas com o semblante jovial, “era uma destas naturezas ricas e pobres ao mesmo tempo, movidas por altas ambições que nunca realizam” (TORGA, 2011, p. 44). Seu verdadeiro interesse estava em Catarina, filha do Menezes, “uma figura complicada de mulher, nova, solteira, bonita e poetisa” (TORGA, 2011, p.44), mas ela não lhe

retribuía nenhuma das investidas. Aliás, nada era favorável para a aproximação do médico com a artista, nem mesmo na última tentativa que foi fracassada, até “a música, em vez de o libertar, humilhava-o” (TORGA, 2011, p. 62).

Catarina “falava, e toda ela parecia erguer-se do chão numa ascense natural, espontânea, semelhante ao ímpeto de certas flores que por alongamento excessivo da haste, fogem à condição da raiz” (TORGA, 2011, p. 52). Não era à toa que o menino Alberto, irmão de Guiomar, se entregou aos seus encantos.

Como não tinha as mínimas chances com Catarina, o médico investe em Guiomar, pois chegara aos seus ouvidos de conquistador a fama de “os homens a gabarem-lhe a elegância e a simpatia, [...] as mulheres a chamarem-lhe embirrenta e pretenciosa” (TORGA, 2011, p. 45).

O universo familiar dos Menezes contava ainda com D. Luisa, a figura matriarcal da Junceda, Raul, calado e refugiado no mundo da música, amigo de Alberto desde quando eram colegas da Universidade, e Susana, sem pudor, grávida, casada com José, “o pobre diabo” (TORGA, 2011, p. 40) que “sorria e sofria” (TORGA, 2011, p. 42). Susana é a personagem que cumpre o efeito irônico, que, parafraseando Oliveira (2008), ao desmascarar provoca o riso, deixando um sabor amargo na boca do leitor. Esse efeito serve de estratégia para que se faça a crítica, seja pela sugestão de criar valores sobre o que as personagens possuem de vazio, de contemplar ou de identificar elementos que não condizem com a realidade ou com o fato apresentado.

Senhor Lobato, pai do senhor Ângelo, mesmo em decadência mental, é o símbolo da “tradição honrosa da casa” (TORGA, 2011, p. 242). Em meio a um jantar acaba por disparatar o hóspede, mas o doutor usa desse artifício para escapar do flagra que tinha levado com Guiomar e da enrascada que havia se metido. Humilhado com os desaforos do doente, volta para Lisboa antes do tempo previsto, alegando que “esperava tudo, menos semelhantes desconsiderações duma família distinta, que goza da reputação de usar da máxima delicadeza para com os seus convidados [...]” (TORGA, 2011, p. 248). Tratava-se de uma fuga, pois o médico era “uma farsa diabólica” (TORGA, 2011, p. 255). Antes da partida, escreve uma carta para a namorada, que encontrava-se “violada e desiludida” (TORGA, 2011, p. 259). Ela confessa aos pais e assume inteiramente a culpa “que somente dois desejos podiam criar” (TORGA, 2011, p. 260).

Sobre o núcleo familiar, “incide o espaço privado, a casa, buscando revelar as intimidades da família burguesa representada” (OLIVEIRA, 2008, p. 104). Nos Lopes, o adentrar no espaço íntimo apresenta os defeitos e os vícios familiares. O observador, ao participar do seio familiar e dos espaços privados, compadece das revelações, da reputação, da moralidade, das verdades e das falhas de uma vida

sustentada pelas aparências, tanto da família provinciana quanto a da tradicional.

Conta-se na narrativa ainda a família de Provesende, com a viúva e os filhos Maria Engrácia, que “sorria para Raul, numa simpatia espontânea que lhe era retribuída” (TORGA, 2011, p. 130) e Eládio, o “Apolo provinciano” (TORGA, 2011, p. 122). As três famílias e também o pároco da região reúnem-se na Cavadinha para um jantar com direito à exibição aos convidados da festa da roga, em que os empregados “sentiam a degradação de servirem de mero divertimento aos patrões” (TORGA, 2011, p. 127).

Catarina sente uma forte atração física por Eládio, o que faz de Alberto ser mais infeliz. Eládio vai ao encontro dos trabalhadores e puxa Preciosa, uma das vindimadoras, para dançar. No dia seguinte, o cínico vai à procura dela com a proposta: “hoje, depois da ceia, vais ter comigo ao pomar” (TORGA, 2011, p. 144). Ela, humilhada e revoltada, cria a confusão na vindima. Munido de um navalhão, Eládio briga com um dos empregados, mas acaba sendo desarmado, apanha e é desprezado e quando se vira para fugir “com os rabos entre as pernas” (TORGA, 2011, p. 146), dá de cara com Alberto, que protege os trabalhadores. Angélica, também integrante da roga, expressa: “há sessenta anos que venho ao Doiro, e é a primeira vez que vejo um rico pôr-se ao lado da gente...” (TORGA, 2011, p. 147). Consta nesse episódio um dos atributos do caráter de Alberto, conferindo maior densidade e riqueza ao personagem. Com a festa na Cavadinha, a rede de sentimentos é formada.

Um lamentável acidente ocorre na Cavadinha: “Fiquei sem a mão” (TORGA, 2011, p. 269), diz Jerónimo, um dos integrantes da roga. Depois de socorrido pelo doutor Bruno e internado em Vila Real, o desgraçado teve a humanidade negada pelo patrão ao pedir por qualquer trabalho em troca de comida. “Inutilizaste-te! Inutilizaste-te!” (TORGA, 2011, p. 270), responde com maldade o senhor Lopes, e Jerónimo ataca: “Eu inutilizei-me no serviço de V. Ex.ª! Não foi a dormir!...” (TORGA, 2011, p. 270). Escorraçado, desprezado, incapacitado e sem direito à indenização, segue rumo a Junceda.

O cenário muda com a chegada de uma tempestade devastadora. Enquanto Catarina e Raul retornam da visita ao museu em Lamego, conseguem avistar as nuvens e as trovejadas ao longe, como se fosse uma anunciação ou presságio. A família dos Lopes fica exilada na sala enquanto a chuva leva o lucro daquela vindima e Alberto tinha ido supostamente para a caça. A empregada Gertrudes é quem se lembra de Alberto e é a única que “compreendia a tristeza do rapaz e justificava-lhe as fugas e as manias” (TORGA, 2011, p. 287). Percebemos, novamente, o conceito do espaço aplicado à casa, servindo de proteção para a família dos Lopes, exceto para Alberto, que estava com o corpo exposto à “tempestade do céu e a tempestade da vida”

(BACHELARD, 1978, p. 201). A casa afasta as contingências e “sem ela, o homem seria um ser disperso” (BACHELARD, 1978, p. 201).

Manuel, o Ruivo, ex-empregado da Cavadinha e da Junceda, agora sabia ler, escrever, entendia de política, tinha prestígio e dinheiro. Enquanto o Lopes o repudia, o Menezes o respeitava e admirava: “onde chegava nascia o sol” (TORGA, 2011, p. 189). Para ele, “o Ruivo era o Doiro a correr em forma de gente” (TORGA, 2011, p. 188). Ele expressa a sua antipatia com o senhor Lopes alertando o Menezes: “maior malandro que encontrei em toda a minha vida” (TORGA, 2011, p. 191), confessa o “hércules loiro” (TORGA, 2011, p. 266).

Alberto não havia retornado, o seu cão Nilo aparece na quinta da Cavadinha confirmando o instinto da empregada que era mais apurado e maternal do que o da própria Maria Jorge, e o pai agora toma providências. Encontram o corpo de Alberto e ninguém sabia se

a poderosa deusa viera ao encontro do caçador, ou se ele próprio a fora abraçar, numa derradeira esperança. [...] era a morte que ia ali. Era a paz que muitos tinham a coragem de procurar, que outros desejavam mas temiam, que todos acarinhavam no coração como último e consolador remédio (TORGA, 2011, p. 315).

O contexto da morte é evocado também na imagem do ninho examinado por Guiomar, com um ovo abandonado que foi também violado: “Uma coisa seca, informe, enrolado, que fora já vida palpitante, e era agora uma monstruosidade fétida” (TORGA, 2011, p. 227). Aqui o ovo agourado marca o instinto de Guiomar e seu pressentimento negativo: “A caracterização espacial, mediante imagens que manifestam desgaste, desolação, abandono e morte, amplia o sentido da decadência da família” (OLIVEIRA, 2008, p. 257). Bachelard (1978) relaciona a imagem do ninho com a da casa ideal que transporta aconchego humano como a de um habitat natural dos animais, qual o habitante deseja o voo do pássaro no retorno ao lar. Nesse retorno abre-se o espaço para o devaneio da segurança.

Com o cadáver do filho ainda presente, o Lopes pediu para conversar a respeito de negócios com o Menezes. Sabia do empréstimo pelas mãos de Ruivo e queria se informar sobre Dr. Bruno, julgando que o vizinho teria responsabilidades sobre o caso da filha, mas era de fato que se tratava “de uma honra pessoal, que ou se tem, ou se não tem” (TORGA, 2011, p. 324). Ainda o Lopes foi condenado pelo trato com Jerónimo, mas a sua defesa é de que “há valores humanos que lhe escapam... Deus nos livre que a vida fosse apenas um livro de deve e haver... Que é o que ela representa para si” (TORGA, 2011, p. 324-325).

Na Junceda, a única tragédia foi o aparecimento de Jerónimo: “foi o símbolo acabado da extensão e fundura do mal” (TORGA, 2011, p. 292). Ferido por causa da chuva, molhado e estropiado, era como se “a devastação de fora entrasse pela casa adentro” (TORGA, 2011, p. 309). Ruivo aparece na fazenda e “a sua humanidade nutria-se da própria substância” (TORGA, 2011, p. 190). Não esquecido das suas origens, conhecia Jerónimo familiarmente: “Ai és tu?” (TORGA, 2011, p. 306) e convida o aleijado: “passas a ser meu secretário” (TORGA, 2011, p. 306), assemelhando a um deus *ex machina* que surge como a salvação do sinistrado.

Lá a vindima estava adiantada, não foi tão forte o prejuízo quanto na Cavadinha que estava em atraso e que o temporal foi mais rígido. O Lopes regressa a casa e depara-se com algo extraordinário: “A Susana teve um menino... Não calcula a perfeição! É um encanto!” (TORGA, 2011, p. 327). Comparada a uma terra fértil, Susana “dia a dia mais larga e mais terrosa” (TORGA, 2011, p. 85), dá a luz e a benção à família. Segundo Feitosa (apud FIORAVANTI, 2008, p. 104), “os filhos são parte significativa e integrante da família patriarcal, sendo inconcebível uma união sem filhos, já que todos se casam pensando nos seus descendentes diretos”. Alívio para o coração do Menezes e “uma nota de esperança e de alegria” (TORGA, 2011, p. 328). Julgaram imprudente ter o bebê, prematuro, na quinta. Nasceu pelas mãos ainda sujas de uma vindimadeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vindima, trabalho cíclico que, entre tesouradas, mescla hoje tradição e modernidade, permite interseções entre literatura, pensamento e sociedade. Pela arte da escrita, o silogismo da vindima serve como fio condutor que nos faz chegar esse mundo real, rude e cru, com carga histórica e que expõe o conflito da desigualdade entre patrão e vindimadores. A arte cumpre o seu papel social em um teor engajado que expressa a versatilidade da escrita que gravita no telurismo e na visão dinâmica da realidade.

É também pela vindima que Miguel Torga explora o indivíduo, o seu ser, o seu meio, seus valores, e dedica o trabalho do homem na epopeia da viticultura no Douro. A imundice, o trato dos homens feito animais, o trabalho quase escravo contrasta com a beleza local que tem como maior riqueza económica o vinho, que dali nasce e parte para o mundo, sendo consumido pela classe nobre, mostrando-nos uma perturbação social que esse fato interfere. Torga desempenha a sua força patriota pela alma do povo da terra onde nasceu e pelo amor a Portugal, já que o que determina o território é a própria terra, terra-mãe que gera a videira e entrega o seu fruto nas

mãos dos “heróis que “moirejam” e padecem consagram-se, como titãs, teluricamente empenhados” (CARDOSO apud MARQUES, 2004). O vinho do Porto também recebe o nome de “generoso”. Ele agradece a sua vida ao trabalhador, já que carece deste para vir a ser, e é no seu corpo que o vinho prefere estanciar e agir com benevolência (BAUDELAIRE, 1998).

O literato transmontano recupera a comunhão do homem com a terra, a ligação com o sagrado, o retorno à raiz, a base para a germinação que garante a continuidade do ciclo. A força do trabalho no meio à denúncia, sofrimento, submissão e hipocrisia, propicia a redescoberta da natureza que, apesar de hostil perante o homem, revela primor, simplicidade e inocência, exaltando destarte o valor da terra, do mundo agrário que concerne o núcleo duriense e que se projeta o amor à pátria que também é comungado.

NOTAS

- ¹ Este artigo é um recorte do trabalho de conclusão de curso em Letras – Português/Italiano e suas Respectivas Literaturas, apresentado à Universidade Estadual do Oeste do Paraná e intitulado Olhares sobre o Douro: a poética de Miguel Torga em uma leitura de Vindima, orientado pelo Prof. Dr. Antonio Donizeti da Cruz.
- ² Possui dupla titulação em Letras Português/Italiano e suas Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná e em Estudos Portugueses pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2014). Licenciada em Artes Visuais pela União Pan-Americana de Ensino (2009). Ex-bolsista CAPES no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID. Ex-bolsista CAPES no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC. Ex-bolsista Capes no Programa de Licenciaturas Internacionais - PLI. Ex-bolsista com residência artística na Fundação Casa-Museu Maurício Penha em Sanfins do Douro, Portugal. Doutoranda em Patrimónios Alimentares: Culturas e Identidades na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- ³ Na época das Descobertas, o vinho já era produzido, engarrafado e transportado. Para resistirem às viagens, sua receita foi alterada, incorporando ao mosto a aguardente vínica, assim interrompendo o processo de fermentação e conservando o açúcar, resultando em uma bebida mais incorporada e fortificada, considerado o verdadeiro “néctar dos deuses”.
- ⁴ O rio Douro é uma artéria vital de Portugal. Segundo Salvador (2012), estende-se por 927 km., sendo o terceiro maior da Península Ibérica, depois do Tejo e do Ebro. Sua nascente fica na Cordilheira Ibérica, a 1700 metros de altitude, na Serra de Urbión, e deságua em território português no Oceano Atlântico, entre as cidades de Vila Nova de Gaia e Porto.
- ⁵ O vale do Douro acolhe, segundo Salvador (2012), três localidades classificados pela Unesco como Patrimônio da Humanidade: além do Alto Douro Vinhateiro, o vale paleolítico do Cão, por suas gravuras pré-históricas, e o núcleo histórico da cidade do Porto.
- ⁶ Alterónimo de Adolfo Correia Rocha, nasceu em Trás-os-Montes, na vila de São Martinho da Anta, em 12 de agosto de 1907, e morreu em Coimbra, em 17 de janeiro de 1995. Miguel,

em homenagem aos escritores da cultura ibérica Miguel de Cervantes e Miguel de Unamuno; Torga, “como a urze resistente da sua terra transmontana” (PONCE DE LEÃO, 2007, p. 6)

⁷ Há também de se acentuar que nem em todas as quintas faz-se o uso da mão de trabalho das rogas (grupo de homens, mulheres e até crianças) contratadas. Há o contrato de vindimadores, mas há também o expediente exercido por familiares, amigos e, atualmente, muito se tem contado com a lagarada como atividade turística.

⁸ O grande embaixador do vinho português é o vinho do Porto, chamado também de “generoso”, considerado o mais célebre do mundo por ser natural, fortificado, com alta qualidade de amadurecimento e licoroso. Produzido no Douro e escoado pelo rio até chegar às margens das cidades divididas pelas águas, o vinho era armazenado nas caves em Vila Nova de Gaia para depois, pela cidade do Porto, ser comercializado. Assim, ficou conhecido o vinho pelo nome da localidade de origem da exportação e não pela origem do local que o produziu. Alves (2001) utiliza as seguintes palavras para caracterizar o vinho do Porto: “Obra de arte concebida pela natureza e modelada pelo homem, nasce nas encostas do Douro e desce ao longo do rio, embala-se na ambição de percorrer o Mundo. Côncio de seu valor, nobre de nascimento, enriquecido em Gaia, que o educa, estende os braços desprendidamente; pede, com lealdade, acolhimento, ele que, generoso desde o berço, leva consigo o prazer, a evocação, o encantamento” (ALVES, 2001, p. 38-39).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Antónia Pires de. A questão agrária na literatura neorrealista portuguesa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 50, p. 389-407, 2012. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/4014/6615>. Acesso em: 9 de setembro de 2014.

ALVES, Dário Moreira de Castro. *O vinho do Porto na obra de Eça de Queirós*. Sintra: Colares, 2001.

BACHELARD, Gaston. *A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço*. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BAUDELAIRE, Charles Pierre. *Paraisos artificiais*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

BORGES, António José. Douro: Quadro de suor, sinfonia humana, ópera da natureza. *Estudos & Documentos*, Vila Real, n. 21, p. 13-21, 2006. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9746.pdf>. Acesso em: 27 de outubro de 2014.

DOMINÉ, Andre. *Vinhos*. Lisboa: H. F. Ullmann, 2010.

FIORAVANTI, Solange Araújo. *Percursos do trágico nos contos de Miguel Torga*. 2008, 147 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Universidade Estadual Feira de Santana, Feira da Santana, 2008. Disponível em: http://tede.uefs.br/tesedownload/tde_arquivos/1/TDE-2008-06-20T170512Z-54/Restrito/Solange.pdf. Acesso em: 6 de agosto de 2014.

FREITAS, Zilda de Oliveira. *A Personagem (Neo)realista: Construção, Processo Evolutivo e*

Identidades Ficcionalis – Estudo Comparativo entre Teodorico, de A Relíquia, e Ti Maria do Rosário, de Gaibéus. São Leopoldo: Entrelinhas, vol. 7, n. 2, p. 236-249, 2012. Disponível em:

<http://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/2474/1360>. Acesso em: 29 de novembro de 2017.

MARQUES, Manuel da Silva. *O Homo Duriense e a sua identidade: Um perfil sociológico cultural.* Douro: Estudos & Documentos, vol. III. Porto: Universidade do Porto. GEHVID-Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto, 2004. Disponível em:

<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id1303id2298&sum=sim>. Acesso em: Agosto, 2017.

OLIVEIRA, Raquel Trentin. *A configuração do espaço: Uma abordagem de romances queirosianos.* 2008, 203 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008. Disponível em:

[file:///C:/Users/Cinthia/Downloads/espac%C3%A7o%20e%20romance%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Cinthia/Downloads/espac%C3%A7o%20e%20romance%20(1).pdf). Acesso em: 10 de novembro de 2014.

PONCE DE LEÃO, Isabel Vaz. *O essencial sobre Miguel Torga.* Coleção Essencial. Lisboa: Imprensa Casa da Moeda, 2007. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/estudosliterarioscriticaliteraria/colecao-essencial-incm/2223-2223/file.html>. Acesso em: 11 de junho de 2014.

SALVADOR, José A. *Douro: Rio de Patrimónios.* Lisboa: Clube do Colecionador dos Correios - CCTT Correios de Portugal, 2012.

SANTANA, Maria Olinda Rodrigues; ALMEIDA, Graça Maria; FONSECA, Rute. *O vocabulário da vindima em duas obras de Miguel Torga.* Vila Real: Estudos & Documentos, n. 19, p. 295-313, 2005. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9727.pdf>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2014.

TORGA, Miguel. *Vindima.* Alfragide: Dom Quixote, 2011.